

"As Cartas do Boom"

Paulo Pinto

El Observador, 28 jul. 2025

Em vez de frequentarem cursos e aulas duvidosas de escrita criativa para escrevinhar romances, os amantes da arte deviam ocupar-se a ler esta obra que, à sua maneira, é uma obra-prima.

À sua maneira vivaça, Borges afirmou que a melhor obra de Flaubert era o seu epistolário. Não será certamente o caso com os quatros epistoleiros deste livro: Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa. Todos possuem uma obra rica e diversificada que os coloca no topo da lista (se lista houver) dos melhores escritores do século XX. Contudo, a sua troca de correspondência revela-se fundamental para melhor receber e explorar a respetiva produção literária.

As Cartas do Boom, livro que este ano deu à costa nas livrarias nacionais, é constituído pela totalidade das cartas (salvo esconderijo alheio) que os quatro trocaram entre si. Estamos a falar de 207 peças (a primeira carta data de 16 de novembro de 1955 e a última de 14 de março de 2012), onde pontuam residualmente, aqui e ali, postais, telegramas e faxes. Os editores propuseram como critérios para a constituição oficial (havia outros

autores possíveis) deste Boom: «1) escreveram romances totalizantes, 2) forjaram uma sólida amizade entre si, 3) partilharam uma vocação política e 4) os seus livros tiveram uma ampla difusão e impacto a nível internacional». Na nossa abordagem não iremos analisar de *per si* nenhum destes tópicos, com os quais, de resto, estamos de acordo, antes tentaremos disponibilizar uma determinada perspetiva de leitura da obra, perspetiva essa que não poderá ser senão em escorço.

Assim, os quatro autores constituem o núcleo do que a certa altura começou a denominar-se o *Boom da literatura latino-americana*. Constituído por obras (romances e contos) que, *grosso modo*, se encontram no intervalo 1959-1975, o *Boom* pode considerar-se um movimento inicialmente lateral e regional que com o passar dos anos e das muitas milhares de páginas se tornou um fenómeno literário à escala ocidental. Segundo os críticos e académicos, foi precisamente com estes autores que a literatura daquelas paragens deixou definitivamente a pendente e o tom locais e se tornou internacional. Ou seja, literariamente, e, sejamos churchillianos a esse ponto, comercialmente, o *Boom* foi um sucesso. Obras como *Rayuela*, *Cem Anos de Solidão*, *A Casa Verde* e *A Morte de Artemio Cruz*, são referências que os atuais e os futuros escritores guardam, certamente, nas suas estantes e memórias. O mesmo vale para aqueles que, como é o meu caso, não passam de aficionados leitores.

A melhor forma de abordar este longo e maravilhoso processo que é a leitura deste livro é mastigá-lo como um romance. A somar às quatro personagens (não são as únicas, pois são detetáveis em modo transparência, amigos, amigos de amigos, namoradas, esposas, filhos e familiares) é oferecido um enredo onde literatura, amizade, amor, ódio e política, se entrelaçam de uma forma vibrante e complementar. Se podemos considerar um bom romance como uma peça do *puzzle* da vida,

esse pensamento é ainda mais adequado e feliz para documentos que, justamente e intencionalmente, são endereçados àquela pessoa de carne e osso em particular. Pessoa essa, acrescentemos, com a capacidade – e a amabilidade – de responder de volta. Sem, obviamente, a linearidade de um romance ou de um conto tradicionais, o leitor encontra-se perante pedras escritas onde, com extremo cuidado, terá de colocar os pés de modo a não cair nas poças do silêncio e do olvido. Vivia-se um tempo analógico, onde as comunicações demoravam e a vida quotidiana, também devido às condições logísticas, se metabolizava mais lentamente que hoje. Ora, é precisamente nessa ruminação que as cartas são pensadas e escritas, num tempo e num espaço que exige recolhimento, criando um entre parêntesis numa relação a quatro vozes que se quer sempre renovada e atendida. Vivendo a maior parte do tempo em latitudes diferentes – há sempre pelo menos um *boomer* num outro continente, há sempre pelo menos um *boomer* que está incomunicável ou de quem se desconhece a morada – vê-se agravada a necessidade e a urgência de acompanhamento do amigo e colega, de receber as novidades, boas e más, de cada um, de ler os livros ainda no prelo, de estar a par dos novos projetos e, claro está, do sempre ansiado, e muitas vezes adiado, encontro presencial. Não nos esqueçamos que Cortázar, apesar de argentino, residia em França, Fuentes era mexicano, García Márquez colombiano e Vargas Llosa, apesar do espírito peregrino, peruano.

Pois este é também um romance de desencontros. Nas belas páginas que constituem esta recolha (não estivéssemos a falar de grandes escritores), e apesar da língua partilhada (o castelhano), existem diferentes linguagens, ritmos, desejos, disposições, preocupações e crenças. Os editores chamam a atenção que os quatro autores escreveram em conjunto, cada um com o seu Estilo, o grande romance latino-americano moderno e, durante algum tempo, acarinharam uma tentativa audaz de uma revolução socialista *à la Cuba* nos países do *cone sul*. Não podemos escamotear por outro lado que,

a partir de determinada altura, as posições vão reajustar-se e as direções divergir. O fator de maior peso foi precisamente a Revolução cubana. A princípio, defensores aguerridos e públicos de Fidel, após um processo judicial (de teor estalinista, segundo Vargas Llosa) em que foram acusados de traição vários intelectuais cubanos, opera-se uma divisão no grupo que, eventualmente, vai desaguar a um ato de pugilato num cinema (o famoso murro de Vargas Llosa a García Márquez). Este momento, com o seu simbolismo, mas também com o seu concretismo, significou para muitos leitores, intelectuais e escritores, o fim officioso do *Boom*.

Como conceber estas palavras de García Márquez endereçadas a Carlos Fuentes, a não ser num esquema romanesco? «*Mercedes olha para o mar sem limites nos quatro quadrantes da roseta náutica com a secreta suspeita e a falhada esperança de que algum dia chegue um armazém flutuante, e eu ando em pelote, imaginando como será o mundo quando o inventarem*». Em vez de frequentarem cursos e aulas duvidosas de *escrita criativa* para escrevinhar romances, os amantes da arte deviam ocupar-se a ler esta obra que, à sua maneira, é uma obra-prima. Ficam na memória as análises de juízo estético de Cortázar aos livros de Fuentes, expondo as pequenas falhas, limitações, descaracterizações, mas igualmente os pontos fortes e conseguidos, a sua riqueza e mestria. São *lições* de um dos maiores escritores da literatura das últimas décadas do século XX a um dos maiores escritores da literatura das últimas décadas do século XX – o que se pode pedir mais? Aliás, todas as cartas do argentino são pequenas obras de arte, extremamente bem escritas e com uma simplicidade que, por exemplo, aquele seu interlocutor não consegue por vezes lograr: quando Fuentes é barroco, Cortázar é van-goghiano (na sua versão epistolar).

Trata-se de uma obra, como dissemos, conjunta, em que cada autor acrescenta a sua veia artística, a sua faceta. Uma obra inconsciente, e se para os junguianos tal não representa uma dificuldade de conceção, a

verdade é que não há muitas obras a que se possa atribuir tão conscientemente a característica. *As Cartas do Boom* é uma obra decisiva, não só para aqueles que apreciam literatura latino-americana, mas igualmente para quem se preocupa com o fenómeno literário como um todo, isto é, enquanto arte e existência.